Consciência de Classe: Elemento de mediação e enfrentamento aos condutos de dominação na sociedade burguesa

Severino da Silva Martins Júnior[1]

Resumo: Este artigo foi elaborado a partir de reflexões trazidas no âmbito de inúmeros debates ocorridos no contexto da academia e da militância acerca do processo de dominação burguesa, o presente texto, busca apresentar uma discussão sobre a categoria *consciência de classe*, enquanto elemento processual e dialético, imprescindível à dinâmica de confronto aos mecanismos de dominação no contexto da sociedade burguesa. Com base em revisão bibliográfica, o artigo em questão reflete à luz da tradição marxista, a produção efetiva da vida por meio do trabalho, a alienação que se engendra a esse processo como contradição indissociável, e por fim, reflete sobre a produção da consciência, enquanto possibilidade de construção de uma nova sociabilidade, diferente às que se aprofundam orquestradas pelo modo de produção capitalista.

Palavras-chave: Trabalho. Alienação. Dominação. Consciência de classe.

Abstract: This article was elaborated from reflections brought about in the scope of countless debates that took place in the context of academia and militancy about the process of bourgeois domination, the present text seeks to present a discussion about the category class consciousness, as a procedural and dialectical element, essential to the dynamics of confrontation with the mechanisms of domination in the context of bourgeois society. Based on a bibliographic review, the article in question reflects, in the light of the Marxist tradition, the effective production of life through work, the alienation that engenders this process as an inseparable contradiction, and finally, it reflects on the production of consciousness, as a possibility of building a new sociability, different from those that are deepened orchestrated by the capitalist mode of production.

Keywords: Job. Alienation. Domination. Class awareness,

INTRODUÇÃO

[...] "Expor aos oprimidos a verdade sobre a situação, é abrir-lhes o caminho da revolução" (Leon Trotsky)

O presente artigo, com base na revisão de algumas literaturas sob a perspectiva da tradição marxista, tem o intento de evidenciar algumas reflexões, no que diz respeito à produção da consciência de classe, enquanto possibilidade mesmo

[1] Assistente Social, Mestre e Doutorando em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - PPGSS da Universidade Federal do Pará - UFPA, membro do grupo de estudo e pesquisa GPPUMA – UFPA, bolsista PROPESP, docente na Pós-Graduação da Faculdade ESAMAZ, e-mail: severino.junior@icsa.ufpa.br https://orcid.org/0000-0002-4426-7343

que “relativa”, da construção de uma nova sociabilidade. Cabe-nos pensar nesta elaboração, os precedentes que a alienação abre para os condutos de dominação na sociedade que se estrutura sob a lógica capitalista, no entanto, é importante que se destaque, que ao se tratar da categoria alienação sob o legado da tradição marxista, não é prudente do ponto de vista histórico-ontológico, que haja um distanciamento na apreensão desta categoria, e dessa forma não a considere como uma modalidade das relações sociais que é consolidada a partir do processo de como os homens se organizam para produzir seus bens, de forma perversa onde iniquidades, e desumanidades ocorre via exploração do trabalho.

A rigor, a chave que deve introduzir nossa reflexão acerca do ponto central desse artigo, é pensarmos, a sua relação com centralidade que historicamente o trabalho ocupa na processualidade de reprodução do gênero humano, compreender ainda, sob o ponto de vista histórico, que ao longo dessa processualidade, mediações vão se forjando e se inserindo, tornando-a ora menos, ora mais alienada. Sob essa perspectiva, quando Marx analisa essa processualidade histórica de produção efetiva da vida do gênero humano, destaca que, a sociedade se movimenta no intuito de satisfazer suas necessidades, mesmo que não tenha consciência como se movimenta, em outras palavras, esse humano indiscutivelmente sofre influências da sociedade, sem saber que está sendo influenciado.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: seção 1, busca discutir a produção efetiva da vida por meio do trabalho; seção 2, evidencia a alienação que se engendra a esse processo como contradição indissociável, produtora de iniquidades e da barbárie; seção 3, discute a produção da consciência de classe, enquanto possibilidade de construção de uma nova sociabilidade.

1 A REPRODUÇÃO EFETIVA DA VIDA DO GÊNERO HUMANO POR MEIO DO TRABALHO

Pensar o trabalho enquanto elemento de reprodução e objetivação da vida do gênero humano, a partir das relações que se constituem na sociedade capitalista, impõe o compromisso de analisar os paradoxos que se colocam em meio a essas relações, a acirrar as contradições que lhes são próprias. Portanto, para refletirmos sobre a centralidade desse artigo, é importante que as lutas de classes[i], sejam atualizadas no campo do pensamento, mesmo que não aprofundadas abertamente

nesse e nos demais tópicos, haja vista, que todas as categorias aqui refletidas, estão intimamente ligadas a elas.

É relevante antes de mais nada, colocar o trabalho em evidência, contudo, considerando suas dimensões: ontológica e histórica, que a tradição marxista se apropria para explicar sua substancialidade ao processo de constituição do ser social. Quando Marx, afirma que a produção dos indivíduos determinada socialmente, é o ponto de partida para a compreensão do ser social, Marx (1978, p.103) está sinalizando sua busca por encontrar as determinações que particularizam o ser humano, enquanto ser cognoscente, movido por uma teleologia capaz de transformar a natureza, na medida em que se transforma. Essa seria portanto, a ontologia do ser social, contida em Marx, apontada por Lukács (2004), quando compreende a partir de Marx, que o ser social, se constitui nessa passagem ontológica advinda por meio da sua capacidade intelectiva de pensar e construir o novo.

Netto e Braz (2011, p. 40), alinhados à literatura Marxiana, reiteram o fato de que, a satisfação objetiva das necessidades dos homens e mulheres, seres que constituem a sociedade, é resultado da interação dos mesmos com a natureza, que via relação pré-idealizada, transformam a partir de suas necessidades, matérias naturais em bens de uso, por meio da atividade, que se denomina trabalho. Mas que essencialmente, é diverso às atividades desenvolvidas entre outras espécies animais, uma vez que suas atividades “realizam-se no marco de uma herança determinada geneticamente”.

Nessa mesma direção aponta Lessa (2011):

> Tal interação com a natureza é sempre, como veremos, mediada pela consciência e pelas relações sociais; estas comparecem no mundo dos homens com funções que possibilitam um tipo de transformação da matéria natural completamente diferente daquela operada pelos animais e plantas. É este novo tipo de transformação da natureza que para Marx e (Lukács), funda a diferenciação do homem com a natureza [...] (Lessa, 2011, p. 142)

Compreender o trabalho sob a perspectiva de sua dimensão histórica, pressupõe necessariamente, um retorno às apreensões que o próprio Marx possui em relação ao trabalho enquanto atividade essencialmente humana, “que não apenas assegura a existência física do indivíduo, mas que reproduz as características fundamentais do gênero humano” (DUARTE, 2013, p. 23).

> O Trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza [...] não se trata aqui das primeiras formas instintivas de

> animais, de trabalho [...] pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem [...] No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural, o seu objetivo. (MARX, 1983, apud Netto e Braz, 2011, p. 41)

A apreensão de Marx, nos permite avançar compreendendo o trabalho em sua dimensão histórico-relacional, essa dimensão a nosso ver, se corporifica, na medida em que vislumbramos trabalho não só pela interação do homem com o mundo natural, como já fora destacado por Marx, mas também, pela sua natureza coletivada, do "homem para com o homem". Em outras palavras, "o trabalho é sempre atividade coletiva" (NETTO; BRAZ, 2011, p. 44). No entanto, não é o objetivo deste tópico, um delongado resgate das dimensões históricas e ontológicas do trabalho, nossa intenção é construir algumas reflexões em relação ao trabalho sob a lógica da sociedade capitalista, colocando em destaque a reprodução da vida humana, pontuando como os homens e mulheres produzem e se reproduzem satisfazendo suas necessidades ontológicas no contexto da sociedade burguesa.

Nosso ponto de partida, é compreender que no modo de produção capitalista o trabalho encontra-se atravessado, mesmo que em níveis e estruturas diferenciados por processos de dominação[ii], portanto, em tese as relações antagônicas que se aprofundam no contexto do modo de produção capitalista, trabalho e trabalhador, são subsumidos ao reino das impossibilidades, submetidos conforme Marx (1980, p. 201) à lei geral da acumulação capitalista. Constitui-se a partir desse prisma, o movimento paradoxal da lógica da ordem burguesa, que subjaz o trabalhador a uma dinâmica que de forma simultânea, o torna livre e prisioneiro, uma vez que, a sua liberdade, se efetiva na relação da venda de sua força de trabalho.

> [...] a atividade do trabalhador não é a sua auto-atividade. Pertence a um outro, é a perda de si mesmo. Por conseguinte, chega-se ao resultado de que o homem (o trabalhador) se sente livremente ativo só ainda em suas funções animais, comer, beber e procriar, no máximo ainda moradia, ornamentos etc. e em suas funções humanas só se sente ainda como animal. O que é animal se torna humano e o que é humano se torna animal. (MARX, 1989, p. 154)

No trecho acima, encontramos a sustentação da crítica marxista à economia política clássica, Marx (1989, p. 147), destaca que, a economia política ao passo que constrói suas fórmulas abstratas e leis, a partir da análise da propriedade privada, não dá conta de desvelar as perversas contradições, que se forjam nas relações sociais de trabalho, tais como: a coisificação do trabalhador, quando este "decai a uma

mercadoria, e à mais miserável mercadoria, pois se constitui inversa do poder e da magnitude de sua produção [...]”[iii]. Assim, essa direção imposta pela ordem burguesa, conduz os homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, recorrerem e utilizarem predominantemente à razão instrumental[iv], razão que do ponto de vista da teoria social crítica, é imprescindível ao processo de desenvolvimento desses seres sociais, haja vista, que se constitui como algo “necessário” para a posterior venda das suas forças de trabalho, todavia, contraditoriamente, esses homens e mulheres, vão se aportando como seres impossibilitados de acessar a razão emancipatória, razão esta capaz de tensionar, que o ser social não se resume no trabalho, mas é um ser da práxis, possuindo assim inúmeras outras objetivações que extrapola sua ligação vital com o trabalho.

Netto e Braz (2011, p. 54), afirmam que essa condição “criativo e autoprodutivo, na medida em que, é produto e criação da sua autoatividade”, o faz do homem um ser ontológico e genérico, e tomado de singularidades, subjetividades e particularidades, os homens e mulheres, até vislumbram objetivações que não impliquem necessariamente o trabalho, no entanto a realização das mesmas, demandam um movimento por dentro das estruturas materiais e socioculturais diferente das quais está acostumado a transitar, impondo-o a ideia de impossibilidade, restando-lhe somente a desistência. A cultura, o lazer, a arte, a ciência, dentre outras objetivações essenciais ao homem enquanto sua própria criação, lhes são alienadas, negadas, impossibilitadas na sociedade burguesa, tendo em vista que, o processo de exploração vinculado à ética do trabalho[v], retira esse trabalhador do campo de objetiva-las, sonhos, desejos e paixões ligados às objetivações imateriais da classe explorada, é indubitavelmente mediada pelo processo de alienação e dominação.

2 ALIENAÇÃO: CONTRADIÇÃO PRODUTORA DE INIQUIDADES E DE BARBÁRIE

A questão fundante dessa reflexão, se concentra no marco histórico da divisão social do trabalho e da propriedade privada dos meios de produção, uma vez que se encontra aí, o elemento político-econômico gerador do processo de exploração, Marx (1989), destaca que “o objeto do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem”, portanto, desprovido da capacidade de colocar-se conscientemente contrário ao movimento que o coisifica, e o exterioriza de sua essência enquanto ser da práxis, este homem fica subjacente à barbárie, produto indissociável que garante

à ordem burguesa, a identidade de estrutura social fincada na dominação de classe. O trabalhador alienado, está submerso dialeticamente ao não pertencimento a si próprio, essa afirmativa, considera que, estando o ser social *exteriorizado*[vi] à atividade histórica responsável pela sua humanização e constituição enquanto gênero humano, faz com que a própria dinâmica que lhe absorve paradoxalmente como produtor e mercadoria, se encarregue de aproximá-lo da sua condição natural de animal, "se a história distancia o homem do animal, a alienação re-animaliza o homem" (CODO, 1985, p. 08).

Podemos ver em Mészáros também a alienação como:

> […] O fenômeno da alienação como "manifestações do estranhamento do homem em relação à natureza e a si mesmo de um lado, e as expressões desse processo na relação entre homem-humanidade e homem e homem, de outro" (Mészáros, 2006, p. 20)

A rejeição antidialética que nega o historicismo, própria do pensamento estruturalista, se desdobra num processo de reificação capitalista, em relação a isso, consideramos oportuno, parafrasear Mészáros (2006), quando afirma que na concepção dialética de Marx o conceito-chave é a "atividade humana produtiva" que nunca significa simplesmente "produção econômica", distante dessa apreensão, o fenômeno da alienação estaria aprisionado em uma estrutura minimalista-conceitual, perpassada por um determinismo econômico, deixando de lado as mediações que desnudam suas múltiplas determinações. O pensamento burguês por sua vez, marcado pela positividade fetichizada do real, renuncia a história, a concepção do mundo humanista e a razão dialética Coutinho (2010, p. 16), essa modalidade decadente da razão, exacerba às contradições, iniquidades e a barbárie advindas do sistema capitalista, uma vez que ignora a historicidade das necessidades materiais e imateriais do ser social, impondo-o, a intransponibilidade das leis de produção, algo que é contraposto por Marx, quando define que toda necessidade, é necessidade histórica, uma necessidade em desaparecimento" (Mészáros, 2006, p. 54).

A consequência deste universo reificado na vida dos trabalhadores e trabalhadoras, é "o ocultamento da sua própria consciência", como destaca Coutinho (2010, p. 37), as possibilidades de objetivação concretas transcendentes ao trabalho se fragilizam, ou são aniquiladas, por fim, a essência do ser da práxis ganha um conteúdo de desumanização, é portanto nesse universo de esfacelamento da posse de si, das impotentes condições de resistência, e de desvirtuação das suas

objetivações, que o ser social, adentra numa relação de subjetividade alienada, essa afirmação, nos parece oportuna para confrontar a ideia de que o marxismo não se ocupa em compreender a subjetividade. Como se vê, as condições objetivas da existência dos trabalhadores[vii], que salta aos olhos por meio das contradições advindas do modo de produção capitalista, e que são ignoradas pelo pensamento burguês, não ocorrem dentro de um plano natural, mas, é tão somente uma intencionalidade de classe, chega-se portanto, ao ápice da barbarização do processo de socialização, pois, de acordo com Coutinho (2010, p. 37), a práxis humana, tende a se objetivar contra os próprios homens, tende a se tornar uma objetividade alienada.

Ora, sendo a alienação uma contradição que marca a sociedade do trabalho, Mészáros (2006, p. 109), discorre afirmando, que só se compreende dialeticamente a multiplicidade de suas determinações seu "determinante determinado", a partir do interesse de classe, pois, ainda segundo o autor, ela não existe fora do complexo, concreto e histórico, sistema social de exploração capitalista, as iniquidades e a barbárie, enquanto desdobramentos reais e concretos de um sistema social desigual, constroem e reconstroem por meio de ideologias no cotidiano dos trabalhadores, seja do ponto de vista da individualidade do sujeito, ou de sua coletividade, *a sujeição acrítica das suas objetivações, à essas imposições ora veladas, ora explicitas da ordem burguesa*, podemos denominar de socialização desigual, sociabilidade do capital, ou ainda "fetichização das relações humanas" como destaca Coutinho (2010, p. 41).

Marx (1989), quando se refere à alienação, enquanto geradora dos padrões desiguais na sociedade capitalista, afirma que, essas relações tendem a se tornar cada vez mais perversas, à medida em que o trabalhador se empobrece, na mesma dinâmica em que produz exponencial riqueza, estando, trabalho e trabalhador subsumidos na sociabilidade do capital, a "valorização do mundo das coisas aumenta, em proporção direta com a desvalorização do mundo dos homens" (*idem*). Essa alienação do *ser,* e da vida em sua totalidade, do ponto de vista prático, se apresenta no mais evidente processo de naturalização das suas condições objetivas materiais (subemprego, habitabilidade precária, alimentação aquém de suas necessidades, etc.). Essa alienação e sujeição imposta, mas ao mesmo tempo consentida[viii], dá sustentação à humanização desigual que ora nos referimos.

Com vista a essa perspectiva, consideramos oportuno a apreensão de Gramsci (1995), quando destaca:

> A possibilidade não é a realidade, mas é também ela uma realidade: que o homem possa ou não possa fazer determinada coisa, isto tem importância na valorização daquilo que realmente se faz. Possibilidade que dizer "liberdade". A medida da liberdade, entra na definição de homem. Que existam as possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, se morra de fome é algo importante, ao que parece. Mas a existência das condições objetivas, ou possibilidades ou liberdade, ainda não é suficiente: é necessário "conhecê-las" e saber utilizá-las. Querer utilizá-las. (GRAMSCI, 1995, p. 47, apud, Duarte, 2013, p. 59)

No trecho acima, Gramsci resgata, o homem não só como um ser ontocriativo[ix], mas reconhece, na *possibilidade* enquanto uma realidade e/ou capacidade do ser social realizar ou não determinada coisa, um elemento importante para a construção consciente do seu eu, uma vez que vão se tornando mais acessíveis à compreensão do trabalhador, as determinações que o impedem de objetivar suas necessidades. Ou seja, vai ser no campo da realidade vivida pelo ser social, que estes se percebem sucumbidos, e passam a buscar a concretização das então possibilidades de suas objetivações, destarte reconhece Lukács, 2010, p. 55), no decurso histórico das relações de dominação, essas objetivações se constituem como o problema geral do desenvolvimento do ser social, e "se encontra na sociedade dividida em classes"

Netto e Braz (2011), destacam que todos os indivíduos são iguais, possuindo iguais possibilidades humanas de se socializar; a igualdade opõe-se à desigualdade, nesse sentido, o que a originalidade se encarrega de estabelecer é a diferença, não a desigualdade, e continuam destacando que, para que todos os homens possam ter iguais condições de construir a sua personalidade, é preciso que as condições sociais de socialização sejam iguais para todos (*idem*). É portanto, somente numa sociedade onde homens e mulheres, usufruam das mesmas condições de socialização, sociedade que possa oferecer a todos, e a cada um, as condições necessárias para que desenvolvam diferencialmente a sua personalidade (Netto e Braz, 2011, p. 57), que encontraríamos homens e mulheres, não mais exteriorizados às determinações da sociabilidade vigente, mas sim, seres conscientes capazes de pautarem alternativas de superação.

3 CONSCIÊNCIA DE CLASSE: POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA SOCIABILIDADE?

No decorrer da construção desse texto, pudemos perceber que, foi no marco da divisão social do trabalho, e da apropriação privada dos meios de produção, que se forjou o sistema caracterizado pela alienação e exploração daquele que diretamente produz a riqueza, discutiu-se ainda, que o desenvolvimento do ser social enquanto ser ontológico-genérico, perpassa indiscutivelmente pelas condições reais com que esse ser usufrui bens materiais e imateriais indispensáveis ao seu processo de socialização e de constituição da personalidade. Estaria assim a consciência de classe no campo da vida cotidiana, enquanto *nicho* privilegiado das determinações que constituem o ser social, como um mecanismo de inserção e apreensão da realidade por parte do ser social,[x] capaz de alterar as respostas imediatas (de impossibilidades) que são dadas às requisições das suas objetivações materiais e imateriais?

O interesse aqui é levantar alguns subsídios do campo da teoria social, capaz de oportunizar a problematização da temática, todavia, é imprescindível que no discorrer desse assunto, sejam construídas as mediações[xi] necessárias, para que não se caia num idealismo utópico, de pensar o cotidiano desconectado das *tendências e determinações*[xii] que o constituem, atribuindo única e exclusivamente ao trabalhador, a culpabilidade de desenvolver ou não sua consciência. Segundo Marx (1989, p. 197), [...] “a consciência é um produto social e assim continua enquanto em geral existirem homens”, no entanto poderíamos dizer, que existe um nível primário ou natural de consciência, que seria neste caso, como o próprio Marx apreende, a mera consciência sobre o meio circundante sensorial mais próximo, a consciência da interconexão limitada com outras pessoas e coisas fora do indivíduo que se torna consciente; assim como da natureza que a princípio lhe é estranho onipotente e inatingível, perante a qual os homens se comportam como animais (*idem*), no entanto, o que nos interessa é uma aproximação do desenvolvimento da consciência de classe, ou seja, do abandono do estranhamento ou exteriorização desse ser frente aos condutos de dominação burguesa.

> [...] que este ou aquele proletário, ou até mesmo do que o proletariado inteiro pode imaginar de quando em vez como sua meta. Trata-se do que o proletariado é e do que ele será obrigado a fazer historicamente de acordo com o seu ser. Sua meta e sua ação histórica se acham clara e

> irrevogavelmente predeterminadas por sua própria situação de vida e por toda a organização da sociedade burguesa atual (Marx, 2011, p. 49)

Marx apreende o desenvolvimento da consciência, à luz da mais profunda análise no enraizamento social, coerentemente apontando que, nas relações burguesas de exploração, o processo de constituição do ser social, e o de sua consciência[xiii] encontra-se mediado pela sujeição individual e coletiva, as tendências, determinações e pensamentos dominantes[xiv]. Alinhado ao pressuposto acima, quando Marx afirma que *não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência*, ele avança no sentido de nos demonstrar que, os homens e mulheres, não se apresentam necessariamente como se vêem, ou ainda como se percebem, afirma que, homens e mulheres são necessariamente, "como agem, como produzem materialmente, como trabalham, portanto, em determinados limites, premissas e condições materiais que não dependem de sua vontade". (Marx & Engels, 2002, p. 21).

A rigor, não poderíamos nos debruçar, ou partir de outra perspectiva de análise, a não ser a de que, as relações que subsidiam materialmente uma sociedade, ou seja, a forma e a estrutura como os homens se organizam para a relações de produção, serão determinantes, nos desdobramentos das outras relações que seus membros serão ou não capazes de estabelecer, nesse sentido, as objetivações constitutivas do ser social, materiais e *abstratas*, tais como: o pensamento, a liberdade, os interesses (individuais e coletivos), assim como a ética e a moral, subjazem à lógica da dominação, por ser assim, quanto mais se ampliam os circuitos de espoliação do trabalhador, maiores e mais expressivos serão os condutos de dominação. Pensar nos condutos de dominação do trabalhador, impõe conceber os caminhos que já são clássicos do exercício da dominação burguesa[xv], no entanto, demanda reconhecer que no tempo presente, o pensamento dominante, se utiliza de outros mecanismos tais como, a mídia de massa, os livros de autoajuda, a cultura globalizada de entretenimento, elementos que corroboram com a exploração, uma vez que não provocam nos indivíduos subalternizados, condições de compreender a dinâmica e as contradições inerentes à ordem que os explora

Como podemos conferir em Marx 1989:

> Os pensamentos dominantes nada mais são senão a expressão em ideias das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes formuladas como pensamentos; portanto, as relações que se tornam dominante precisamente esta tal classe, portanto os pensamentos da sua

> dominação. Os indivíduos que constituem a classe dominante têm, entre outras coisas, também consciência e por conseguinte pensam; logo, na medida em que dominam como classe e determinam o âmbito inteiro de uma época histórica [...] como produtores de pensamentos regulam a produção e distribuição de pensamentos do seu tempo; que portanto os seus pensamentos são os pensamentos dominantes da época (Marx, 1989, p. 207).

É importante, que na medida em que neste tópico chegamos a discorrer acerca do *pensamento dominante*[xvi] não nos furtemos de fazer uma referência ao papel que o Estado cumpre, em meio às relações de exploração, e também de dominação.

> O Estado não é, pois, de modo algum, um poder imposto de fora à sociedade: tampouco ele é "a realidade da ideia moral", "a imagem e a realidade da razão" como Hegel supunha. Ele é muito mais, um produto da sociedade em determinados graus de desenvolvimento: ele é o reconhecimento de que uma sociedade se enredou numa contradição insolúvel consigo mesma, dividiu-se em antagonismos irreconciliáveis que ela não consegue conjurar. Mas para que esses antagonismos, classes com interesses econômicos contraditórios, não se entredevorem e não devorem a sociedade, tornou-se necessário um poder pairando aparentemente acima da sociedade e que tem de abafar o conflito, mantê-lo dentro dos limites da "ordem"; e este poder nascido da sociedade, mas se colocando acima dela, cada vez mais alienado dela, é o Estado. (ENGELS, 1989, p. 329)

Não cabe no âmbito desse tópico, que façamos um aprofundamento, do que está colocado dentro tradição marxista sobre Estado restrito, ou sua dimensão ampliada, mas subsidiar um entendimento de que, o pensamento e a postura de dominação atravessam e estão presentes no Estado desde à sua criação. Essa afirmação ganha densidade, na medida em que se desvela enquanto um de seus interesses legítimos, a opressão, a ocultação das contradições e o desvirtuamento dos interesses da classe oprimida. É importante destacar que, o Estado emerge necessariamente da demanda de conter os antagonismos de classe, todavia, esse Estado, ao mesmo tempo nasceu em meio ao conflito dessas classes, sendo assim, ele é em via de regra, Estado da classe mais poderosa, economicamente dominante, que através do próprio Estado, também se torna a classe politicamente dominante, e assim usufrui de novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida (Engels, 1989, p.331).

Essa luta no entanto está implicada pela necessidade de uma consciência individual e coletiva, que adquira capilaridade junto ao processo de transformação social, um processo substancialmente revolucionário, portanto a consciência de classe se apresenta como a capacidade de compreender os interesses hegemônicos que alicerçam as contradições numa sociedade polarizada e desigual.

A consciência de classe cumpre um papel fulcral para as *lutas de classe* no entanto, estando essas lutas imbricadas pelas condições históricas desses trabalhadores, a extensão, assim como a intensidade com que estes trabalhadores se vinculam a esta luta, vai estar intimamente ligado ao seu nível de consciência acerca do processo de exploração e dominação que lhe atinge. É importante não perdermos de vista, até mesmo para não imputarmos ao trabalhador, os grilhões de uma culpa externa a ele, que esse nível de consciência está inserido ao contexto das relações reificadas, nesse sentido, por ser ela, (reificação) uma condição imediata, marca das relações sociais capitalistas, todo ser humano está fadado aos seus desdobramentos, em outras palavras, a esquiva dessas relações é quase que impossível, e a construção da consciência de classe, será profundamente limitada por ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rigor, temos frente a nós um enigma, uma questão fundante, que é a de pensar a possibilidade de uma sociabilidade que traga em seu âmago, uma perspectiva coletivada de transformação social, a partir de um projeto socialista. E aí, longe de recorrermos à um idealismo, acreditamos ser relevante, apontarmos alguns determinantes, que comprovadamente obstaculizam a organização político-consciente dos trabalhadores, e consequentemente de uma nova sociabilidade.

Pensamos ser oportuno nesse sentido, evidenciar o que trazem Ferreira & Santana (2018) quando destacam:

> [...] assiste-se, na atualidade, a uma clara fragmentação das lutas sociais e das manifestações de resistência dentro do denominado campo da esquerda e/ou do campo progressista. Parte dessa fragmentação deve-se à expansão do irracionalismo pós-moderno que, dentre outras discussões, questiona o sujeito revolucionário anunciado pela teoria marxiana — o proletariado — e para isso, no quadro de uma recusa geral a qualquer abordagem totalizante, dirige pesadas críticas à centralidade das categorias trabalho e luta de classes, essenciais para o marxismo. (FERREIRA & SANTANA, 2018, p. 80)

Partindo dessa perspectiva, acreditamos que o fortalecimento da consciência e luta de classe, atravesse à condição político-organizativa dos trabalhadores[xvii], enquanto espaço privilegiado de desmistificação das contradições que se operam na relação capital-trabalho, contudo, o que se percebe é um rechaço à essa organização, algo que se releva imaturamente no âmbito da luta política, em segmentações/fragmentações que desvinculam à luta de classes da histórica

dominação por meio do trabalho. Harvey (2013), afirma que na perversa relação que existe entre a burguesia e o trabalhador, está consubstanciada à necessidade de subsistir do trabalhador, que imerso aos condutos de dominação, não vislumbra a possibilidade de transcender a realidade de anulação do seu ser de práxis, em contraposição a essa realidade, Harvey faz uma referência a possíveis elaborações por dentro de uma perspectiva revolucionária a partir da luta de classe, contudo, ao mesmo tempo, não se omite em destacar também, um conjunto de elementos que fragilizam a resistência da organização política do trabalhador.

> A luta de classe como via emancipatória depende diretamente do poder do proletariado em transcender o aparato disciplinador do capital e de cruzar os braços como modo de interpor uma antítese concreta à produção capitalista e à mais-valia. Porém esse é um poder cada vez mais limitado em função de várias razões, tais como: dependência do trabalhador em relação ao salário, automação da produção, cooptação de lideranças em postos de gerência, enfraquecimento dos sindicatos, desemprego estrutural, privatização de bens e serviços essenciais [...] (Harvey, 2013, p. 311)

Marcada portanto pela desigualdade e pelo reino das impossibilidades que se direcionam ao trabalhador, a sociedade contemporânea, longe de gozar da maturidade organizativa clássica dos trabalhadores, vive a "*esquizofrenia"* do abandono da unidade das lutas, a apatia organizativa, as reivindicações imediatas advindas da fragmentação, e o desconhecimento de causa, acerca dos reais projetos revolucionários e emancipatórios. A guisa de conclusão, acreditamos que: será por meio da construção de novas estratégias de lutas, lutas essas que reconheçam as particularidades e anseios dos segmentos, mas que acima de tudo, promovam a compreensão/consciência de um projeto emancipatório de superação do *statuos quo*, regimentado no sistema de produção capitalista.

REFERÊNCIAS

CODO, Wanderley. **O que é Alienação**. 3. ed. São Paulo: editora brasiliense, coleção primeiros passos, 1985;

COUTINHO, Carlos N. **O Estruturalismo e a miséria da razão**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010;

DUARTE, Newton. **A individualidade para si**: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo, 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013;

FERREIRA, B. J. P; SANTANA, Joana V. **A dialética conhecimento/transforma do mundo no legado marxista**. Argum., Vitória, v. 10, n. 2, p. 70-83, maio/ago. 2018. Disponível em: www.periodicos.ufes.br. Acesso em: 27 de agosto de 2019;

HARVEY, David. **Para entender o capital**. São Paulo: Boitempo, 2013;

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986;

LESSA, S. **Trabalho e Proletariado**: no capitalismo contemporâneo. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011;

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Boitempo, 2004;

_____. **História e Consciência de Classe**: estudos de dialéctica marxista. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

_____. **Marxismo e Teoria da Literatura**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010;

_____. **Introdução a uma Estética Marxista**: sobre a categoria da particularidade. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1978

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros textos escolhidos**. Traduções de José Carlos Bruni (et al) 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978;

_____. **O capital** (crítica da economia política). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980;

_____. & ENGELS, F. **História**: Textos de Marx & Engels, Coleção grandes cientistas sociais. 3ª. Ed. São Paulo: Ática, 1989;

_____. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Centauro, 2002.

_____; & ENGELS, F. **A sagrada família**: a crítica da Crítica contra: Bruno Bauer e consortes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011;

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**: tradução de Isa Tavares, São Paulo: Boitempo, 2006;

NETTO, José Paulo; Braz, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011;

---

[i] De maneira elementar, contudo, não desconectado do que Marx e Gramsci apreendem como luta de classes, podemos sintetizar, como um movimento político dos trabalhadores que objetiva a transformação e superação da ordem do modo de produção capitalista, ordem essa, marcada pela polarização das classes, que tem como principal característica a contradição expressa na exploração de uma classe pela outra.

[ii] Uma atividade alheia como destaca Marx (1989), compulsório, trabalho forçado; é por assim uma condição ineliminável ao processo de reprodução da vida do gênero humano, na medida em que o trabalhador acredita que por meio do trabalho suas objetivações materiais e imateriais serão efetivamente satisfeitas.

[iii] A Economia política oculta a alienação na essência do trabalho por não considerar a relação imediata entre o trabalhador (o trabalho) e a produção. É claro. O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz desnudez para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas mutilação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas joga uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro, e faz da outra parte máquinas [...] (MARX, 1989, p. 152)

[iv] Destina sua centralidade em responder "como", ou seja, os meios e estratégias pelas quais as necessidades humanas podem ser satisfeitas.

[v] Estando na ordem capitalista a relação entre existência e essência invertidas, o homem subjugado à dinâmica de ter vender sua atividade vital "força de trabalho", para a obtenção de um salário, sem o qual não pode sobreviver, reduz sua atividade vital, aquilo que historicamente lhe atribui uma essência, em um meio somente de sua existência. (Marx, 1989, p. 156)

[vi] Terminologia também utilizada por Marx para se referir à condição alheia do trabalhador ao processo e produto do seu trabalho.

[vii] Muitas delas objetivações fundamentais tais como: comer, beber, morar e vestir como lembra Marx, e que muitas vezes lhes são negadas.

[viii] Consentida na medida em que, desarticulado e alheio aos interesses de sua própria classe, encontra-se subordinado, e incapaz de buscar coletivamente, alternativas de transformação da condição social que pesa sobre si.

[ix] Terminologia concebida por Karel Kosik (1986, p. 180), para designar o homem como aquele que cria seu próprio ser.

[x] É importante dar ênfase que o ser social, constitui uma dimensão bem mais ampla, no entanto, no âmbito dessa reflexão, estamos nos referindo, exclusivamente ao ser social da classe proletariada, uma vez que a nossa discussão perpassa a condição de alienação e exploração.

[xi] Compreendida como o encontro entre os elementos universais e particulares muitas vezes ocultos na imediaticidade da aparência (Luckács, 1978, p. 106).

[xii] A título de exemplificação destacamos os fatores: políticos, econômicos, sociais, culturais, ideológicos, que se desdobram de forma letal à subjetividade dos indivíduos, por meio de inúmeras expressões de violência, sendo a institucional e midiática uma delas.

[xiii] Luckács (2010), também faz referência à essa apreensão de Marx quando destaca que [...] analisando a subordinação do homem à divisão capitalista do trabalho, sublinha precisamente o caráter estreito e animalesco desta subordinação. Este caráter se reproduz em todo homem que não se rebela, de um modo real e concreto, contra essas formas sociais (LUCKÁCS, 2010, p. 67).

[xiv] As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto, as ideias do seu domínio (Marx; Engels, 2002, p. 56)

[xv] Expressos na Política, na economia, na religião.

[xvi] Que invariavelmente decorrerá em comportamentos/posturas de dominação, tendo em vista a indissociabilidade com que estão imbricados numa sociedade marcada pela exploração

[xvii] Em associações, sindicatos e partidos políticos